

Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres
Celebração da Eucaristia

Ponta Delgada, 9 de Maio de 2021

Homilia

«Permaneçei no Meu amor». Com este jubiloso convite, Jesus de Nazaré, não só nos interpela a situarmo-nos no mais fundamental do ser Seu discípulo, mas também a reconhecermos que viver no amor é uma tarefa contínua a exigir um cuidado permanente, a necessitar de se enraizar na sua fonte que é Deus e ao esforço por eliminar tudo o que o pode destruir ou viciar.

Tal como o caudal de um rio nunca pode prescindir da límpida nascente donde surge, também o amor que caracteriza todo o ser humano exige que esteja permanentemente em comunhão com a sua fonte inesgotável que é Deus.

Mas Jesus de Nazaré alerta-nos ainda para a alegria que para ser completa exige esta comunhão com Deus. Di-lo a partir da Sua experiência de amor em união profunda com o Pai.

Na verdade, necessitamos de nos encontrarmos com as fontes da alegria que para ser verdadeiramente humana terá de ser completa.

Voltados para o Senhor Santo Cristo dos Milagres, que não é outro do que Jesus Cristo, Vivo e Ressuscitado, ao Qual trazemos os nossos sofrimentos, os nossos desabafos, as nossas dúvidas e as nossas incertezas, mas também nos anima a confiança de alcançar d'Ele a graça e a luz capazes de nos conduzirem no caminho da vida, da alegria e da plena realização do ser humano, somos hoje interpelados pela mesma palavra de Jesus de Nazaré que nos diz «permaneçei no Meu amor».

É como amigos que Jesus nos acolhe e sintoniza com as nossas alegrias e as nossas tristezas. Deste modo, nada do que é verdadeiramente humano deixa de ter acolhimento no coração de Jesus Cristo.

É na certeza de que Deus nos amou primeiro e em Jesus Cristo, o Seu Filho, nos deu a conhecer o Seu próprio Ser e a Sua própria vontade, que nos animamos, como comunidade, a renovarmos a sociedade e mundo pelo amor.

Daí o imperativo que nos interpela a amarmo-nos uns aos outros como Ele nos amou.

Os tempos de pandemia que ainda vivemos e cujo reflexo está na forma limitada e pouco usual de realizar esta festa, que afectou toda a humanidade, é olhada não só pelos efeitos nefastos que já sentimos e que ainda marcarão o futuro, mas também como uma oportunidade para lançar os alicerces de uma nova cultura, uma nova civilização, mais humana, pautada pela dignidade de todo o ser humano.

Mas os fundamentos para que tal aconteça estão no amor vivido e partilhado. Não um amor que se restringe a um mero sentimento humano que tantas vezes é distorcido ao sabor das conveniências, mas do amor que se aprende a partir de Jesus Cristo, que dá a vida pelos Seus amigos, e que se exercita na prática através de gestos de entrega pessoal, na vivência comunitária, no desprendimento e na partilha de dons.

Evoco, aqui, tantos gestos de amor que se manifestaram ao longo desta pandemia, nas famílias dos doentes e idosos, nos profissionais de saúde, forças de segurança, jornalistas e autoridades públicas, comunidades cristãs e tanta gente anónima.

O Papa Francisco, consciente do contributo único que a Igreja presta à sociedade para que ela seja mais humana, na Encíclica «Todos irmãos» adverte num dado passo dizendo «o amor ao outro por ser quem é, impele-nos a procurar o melhor para a sua vida» (nº 94). Aliás, «só cultivando esta forma de nos relacionarmos é que tornaremos possível aquela amizade social que não exclui ninguém e a fraternidade aberta a todos» (nº 94).

E acrescenta-se sublinhando que «o amor coloca-nos em tensão para a comunhão universal» (nº 95). Na verdade, «ninguém amadurece nem alcança a sua plenitude, isolando-se» (nº 95). De facto, «pela sua própria dinâmica, o amor exige uma progressiva abertura, maior

capacidade de acolher os outros, numa aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença» (nº 95).

Hoje, em tempos normais, toda a sociedade açoriana estaria à volta da imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Cada um nas suas tarefas de serviço público, certamente, conscientes do dever de promover o bem comum e a dignidade humana, colocando o ser humano no centro das suas decisões e projectos, dando prioridade aos mais excluídos e marginalizados, estariam, como todos nós, empenhados no dinamismo do amor que se converte em fonte de renovação, de comunhão e lança os alicerces para uma sociedade de amizade.

Não há outro caminho. Esta é a hora de todos despertarmos para esta conversão que é pessoal, que é comunitária e que tem de atingir toda a sociedade.

As ideologias, o racionalismo e todos os projectos políticos e sociais deverão abrir-se à novidade e à inspiração que só o amor, à maneira de Jesus de Nazaré, proporcionará.

Daí, evoco novamente o texto da referida Encíclica do Papa Francisco na qual se refere que «a tarefa educativa, o desenvolvimento de hábitos solidários, a capacidade de pensar a vida humana de forma mais integral, a profundidade espiritual são realidades necessárias para dar qualidade às relações humanas, de tal modo que seja a própria sociedade a reagir face às próprias injustiças, às aberrações, aos abusos dos poderes económicos, tecnológicos, políticos e mediáticos» (nº 167).

Se o amor é a realidade mais sublime e profunda que caracteriza o ser humano e deve informar a sociedade no seu todo, para quando firmaremos a educação, a todos os níveis, assente no amor e na comunhão? Para quando, deixaremos os preconceitos e nos voltamos de vez para a fonte do amor e para Aquele que nos ensina o modo de amar?

Temos já longos anos de história marcada pela presença reveladora do amor de Jesus Cristo. O que fizemos dele para estarmos como estamos?

Esta é uma pergunta que lanço a todos mas de modo especial á Igreja que me toca a mim servir.

Voltado para o Senhor Santo Cristo dos Milagres imploro-lhe a graça de podermos alcançar para a nossa Igreja e para a nossa sociedade o apelo feito pelo Papa S. João Paulo II quando nos exorta a «fazer da Igreja *a casa e a escola da comunhão*»; adverte dizendo: «eis o grande desafio que nos espera no milénio que começa, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo» (NMI, 43).

Isto significa, em concreto, como refere o saudoso Papa «*promover uma espiritualidade da comunhão*, elevando-a ao nível de princípio educativo em todos os lugares onde se plasma o homem e o cristão, onde se educam os ministros do altar, os consagrados, os agentes pastorais, onde se constroem as famílias e as comunidades» (NMI, 43).

Conscientes de que o amor brota do mistério da Trindade Divina, que nos capacita para ver o irmão na unidade do Corpo Místico de Cristo e, deste modo, oferecer-lhe uma profunda amizade e ver o que de mais positivo existe no outro, acolhendo-o e valorizando-o como dom de Deus, é, por fim, «saber “criar espaço” para o irmão, levando “os fardos uns dos outros” (*Gal 6,2*) e rejeitando as tentações egoístas que sempre nos insidiam e geram competição, arrivismo, suspeitas, ciúmes» (nº 43).

Através do amor, a Palavra de Deus convida à missão universal de anunciar e testemunhar o amor de Deus a toda e qualquer criatura.

Este facto está muito presente na primeira leitura dos Actos dos Apóstolos, na qual se narra a acção primordial de Deus que se revela aos pagãos, no encontro de Pedro em casa de Cornélio.

Referirmo-nos ao Senhor Santo Cristo dos Milagres que atrai tantos fiéis, que escuta tantos desabafos e que incentivou tantos dos nossos conterrâneos a levá-Lo consigo para terras de perto ou de longe, exige-se de nós hoje, não só a fidelidade a esta herança dos nossos antepassados, mas sobretudo a aprender a renovar e expressar para o mundo de hoje o Evangelho de Jesus Cristo.

A universalidade da fé cristã começa em cada um de nós que necessita de deixar-se converter e transformar em diversos aspectos da

sua vida pessoal e comunitária, exige um encontro vivo com Cristo que só poderá acontecer pela participação activa e consciente na comunidade que se edifica a partir da Eucaristia e da vivência dos sacramentos e que se traduz no testemunho evangélico no meio do mundo irradiando a força do amor para atingir a todos sobretudo os que sofrem e passam provações.

Esta é a hora de recomeçar, esta é a hora de uma nova fantasia da comunhão e da caridade, esta é a hora da acção missionária para que todos possam ter acesso às fontes da alegria completa.

Volto-me para o Senhor Santo Cristo dos Milagres para Lhe implorar as Suas graças e bênçãos para os nossos governantes e todos os que exercem serviços públicos, para as nossas famílias, para as crianças, jovens e idosos, para todos os que sofrem com a fome, a exclusão, o desemprego e a solidão, para os presos e hospitalizados, para todos os que na diáspora procuram uma vida mais humana e colocam o seu coração neste santuário e no Senhor Santo Cristo dos Milagres.

Ámen.

+João Lavrador, Bispo de Angra e Ilhas dos Açores